

# O governo do manejo

Categories : [Reportagens](#)

No enorme galpão, à beira da BR-317, cerca de 500 pessoas suam sob o teto de zinco escaldado pelo sol amazônico. Do lado de fora, os ônibus que trouxeram os seringueiros manobram ao lado das Toyotas Hilux dos empresários. Todos se acomodam para assistirem à solenidade que é aguardada há anos. Neste dia, 23 de outubro de 2006, serão assinados os contratos de madeireiras e 140 famílias extrativistas que fornecerão madeira nativa à fábrica de pisos de Xapuri, a cidade berço de Chico Mendes, no Acre.

Quando começar a operar, a indústria consumirá uma quantidade significativa de madeira: 50 mil metros cúbicos por ano, o que equivale aproximadamente à carga de mil caminhões. Cumaru-ferro e breu serão as principais espécies de árvore a serem comercializadas. No evento, grandes empresas e pequenas comunidades assumiram o compromisso de atender a esta demanda. O governador do Acre, Jorge Viana, exaltado pela promessa cumprida, discursou longamente sobre sua política de desenvolvimento econômico que prioriza a exploração de produtos nativos. Segundo ele, é o momento da madeira ganhar um status maior. "Por 100 anos o Acre viveu apenas de duas árvores, a castanheira e a seringa. Isso não pode continuar."

O manejo madeireiro, diz Resende, tem um grande potencial para consolidar a economia do Acre. Em 2005, o estado movimentou algo em torno de 200 milhões de reais com produtos florestais, uma cifra bastante inferior aos lucros advindos da pecuária, 316 milhões de reais. A intenção é que atividade madeireira possa elevar os ganhos do extrativismo a 1 bilhão de reais por ano.

## De onde vem a madeira?

O manejo florestal se tornou uma porta de entrada para obter a madeira que está nas terras das pequenas propriedades. O Acre possuí um território de 15,3 milhões de hectares dos quais 92% ainda são cobertos por florestas. Deste percentual, 6 milhões de hectares são contabilizados pelo governo para se tornarem alvos de planos de manejo, sendo que 2,5 milhões hectares estão nas mãos de comunidades extrativistas.

O governo de Jorge Viana defende que a madeira se torne uma importante fonte de renda para os assentamentos. Parte da concessão da fábrica de pisos de Xapuri foi destinada à CooperFloresta, a cooperativa de extrativistas que negocia madeira. De acordo com o contrato, ao menos 15% dos lucros da indústria deverão ser dirigidos às comunidades. Os planos de manejo dos assentamentos serão feitos por consultorias contratadas pelo governo estadual. Ao todo, serão gastos 6 milhões de reais nesta etapa, dinheiro que sairá de um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Dionísio Barbosa de Aquino, diretor da CooperFloresta, expõe com muita clareza que a madeira

---

tem que ser apenas mais um produto a compor a renda dos assentados, e não a salvação da lavoura. A dificuldade será fazer com que as comunidades gerenciem muito bem seus ativos madeireiros para que possam ao mesmo tempo continuar a explorar os produtos não madeireiros, como a castanha e o leite da seringa. “A vantagem que eu vejo quando se fala em plano de manejo é o estudo da floresta com outros olhos, passar a valorizar o uso múltiplo, usar tudo que a floresta pode lhe dar”, diz.

As experiências de manejo comunitário promovidas pelo governo do Acre até hoje geram muitas controvérsias. O caso emblemático é o da Floresta Estadual do Antimary, localizada na região central do estado. Estudos da Universidade Federal do Acre (UFAC) demonstraram que 80% da renda obtida com exploração madeireira ficou na mão da iniciativa privada. O que sobrou para os extrativistas locais foi dirigido a investimentos indiretos, como benfeitorias à comunidade. Apenas muito pouco, cerca de 10% dos lucros, se transformou em renda direta.

Com relação às questões ambientais, o que se viu no Antimary, observa o pesquisador Gerson Albuquerque, foi a concentração dos planos de manejo em propriedades de poucas famílias o que acabou por esgotar o potencial econômico da madeira com uma rapidez muito superior que a prevista. Ao mesmo tempo, as comunidades empregaram toda a mão de obra no manejo e deixaram de obter renda em outras atividades. “Com os planos de manejo, o governo está fazendo exatamente o contrário do que sempre pregou, que é a diversificação de produtos”, critica Albuquerque.

Resende, secretário de Floresta, refuta as críticas ao Antimary. “Prefiro acreditar na certificação do Imaflora”, pontua ele ao citar o órgão certificador brasileiro. No caso das 140 famílias que participarão da fábrica de pisos, ele reconhece que o desafio é a gestão. As pequenas comunidades, diz ele, terão de aprender a valorizar sua madeira, caso contrário ficarão sujeitas a serem fornecedoras de toras, um mercado que tem mais oscilações de preços do que o produto beneficiado. No primeiro momento, afirma o secretário de Florestas, é esperado que vendam as árvores in natura, mas nada impede que no futuro as comunidades passem a serrar a madeira e negociá-la por preços melhores.

## **Iniciativa privada**

Cerca de 1,8 milhão de hectares das áreas passíveis de exploração florestal no Acre (6 milhões) estão em poder de proprietários privados. Os sinais concretos de que a extração de madeira ganha força já movimentam o mercado. Um hectare de floresta com boa madeira chega a custar 600 reais, enquanto aquele com pasto, 300 reais. Empresas madeireiras que atuam na Amazônia enxergam no Acre uma nova fronteira e sondam proprietários prometendo pacotes completos, da elaboração do plano de manejo à extração da madeira.

Os madeireiros do Acre, contudo, querem afastar qualquer pecha de destruidores. A legalidade se tornou palavra de ordem no setor. Fátima Adelaide de Oliveira, a dona da Nova Canaã e

presidente do Sindicato das Empresas Manejadoras do Acre (Simanejo), [conta que a Operação Novo Empate](#) acabou com a banda podre do setor no estado. Em junho deste ano, a Polícia Federal fechou cinco madeireiras ilegais e prendeu funcionários do Ibama que comercializavam licenças falsas. “Graças a Deus, hoje todos caminham dentro da legalidade”, garante. Agora o desafio é certificar as 23 companhias associadas ao sindicato. Apenas duas possuem certificação, enquanto outras cinco estão com os processos em andamento.

[A madeireira de Fátima foi uma das que atuou na exploração da Floresta Estadual do Antimary e também será uma das sócias acreanas que controlará a fábrica de pisos de Xapuri. Além de gerenciar o empreendimento, a Nova Canaã será fornecedora de madeira. No início, os 50 mil metros cúbicos virão em grande parte de propriedades privadas, admite a empresária. Mas com o passar dos anos planeja-se que até 70% possa vir das comunidades extrativistas.](#)

Na opinião de Fátima, para que as parceria entre as madeireiras e os extrativistas ocorram, o chamado manejo comunitário precisa “dar uma guinada” e adotar práticas comerciais mais eficientes. Ao lembrar a experiência no Antimary, a dona da Nova Canaã reclama que os custos de se explorar madeira com planos de manejo e certificação são muito altos. “Hoje os maiores compradores, os Estados Unidos e a China querem saber de preço e não de certificação”.

Para se obter os 50 mil metros cúbicos de madeira para a fábrica de piso de Xapuri serão necessários manter a exploração de ao menos 5 mil hectares de floresta a cada ano, a considerar que a média observada nos planos de manejo na região amazônica tem sido a obtenção de 10 m<sup>3</sup> de madeira a cada hectare. Levando-se em conta apenas os 15 primeiros anos de concessão, necessita-se de 75 mil hectares manejados. Juntando-se a isso a infra-estrutura para a atividade, como estradas e barracões, tem-se uma porção expressiva de floresta para viabilizar o suprimento da fábrica de Xapuri.

O cientista do Centro de Pesquisa Woods Hole, Foster Brown, que atua há 14 anos como professor da UFAC estudando questões de desmatamento e queimadas, argumenta que o manejo florestal madeireiro é uma opção melhor do que o corte raso da floresta. Mas diante das largas áreas que sofrerão intervenções, ele levanta uma dúvida importante. “Haverá capacidade de fiscalizar tudo isso?”.